

UM ESTUDO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DE “IR + INFINITIVO” COMO EXPRESSÃO DE FUTURIDADE EM VOZ MÉDIA

Dejjair Ferreira da SILVA¹

RESUMO: Este estudo objetiva verificar se, em contextos sintáticos de voz média, a perífrase IR (no presente) + INFINITIVO – *Cuidado! O pneu vai furar* – apresenta, na expressão do futuro, as mesmas restrições sintáticas e mesmos efeitos semânticos que aparecem no passado. Para tanto, adotou-se o suporte teórico-metodológico da Semântica, em sua linha formalista (GOMES; MENDES, 2018). E, por tratar de variantes linguísticas, buscou-se um diálogo com domínios da Sociolinguística Variacionista (1972, 1994), basicamente na medida em que se investiga se o IR da perífrase já se gramaticalizou como expressão de futuro. A análise embasou-se na metodologia da Psicolinguística na Descrição Gramatical que investiga qualquer fenômeno gramatical em sua dimensão do comportamento linguístico-cognitivo do homem. As hipóteses indicadas para o estudo se confirmaram-se, quando se verificou que “IR”, na estrutura IR + INFINITIVO, expressando futuro, apresenta distinções semânticas na comparação com tempos simples no passado e no presente e apresenta completa gramaticalização; assim, IR, nas perífrases de futuridade deste estudo, não apresenta a sua semântica original de verbo pleno, não permitindo, portanto, a formação de voz média.

PALAVRAS-CHAVE: Futuridade. Perífrase ir + infinitivo. Vozes média e ativa. Semântica Formal.

ABSTRACT: This study aims mainly to verify if, in syntactic contexts of middle voice, the IR periphrase (in the present) + INFINITIVE - *Cuidado! O pneu vai furar* – it has, in the expression of the future, the same syntactic constraints and semantic effects that appear in the past. Therefore, the theoretical-methodological support of Semantics was adopted, in its formalist line (GOMES; MENDES, 2018). And, because it deals with linguistic variants, it was sought a dialogue with domains of the Variationist Sociolinguistics (1972, 1994), basically to the extent that it is investigated if the IR of the periphrase has already grammarized as an expression of the future. The analysis was based on the methodology of Psycholinguistics in the Grammatical Description that investigates any grammatical phenomenon in its dimension of the linguistic-cognitive behavior of man. The hypotheses indicated for the study were confirmed when it was found that: IR, in the IR + INFINITIVE structure, expressing future, presents semantic distinctions compared to simple tenses in the past and present, and presents complete grammaticalization; Thus, IR, in the future periphrases of this study, does not present its original full verb semantics, thus not allowing the formation of middle voice.

KEYWORDS: Futurity. Periphrase IR + infinitive. Middle and active voices. Formal semantics.

¹ Doutorando em Língua Portuguesa no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro – RJ - Brasil. E-mail: brdeja@yahoo.es.

Introdução

Este estudo direciona-se para um fenômeno relacionado à semântica de sentenças do Português Brasileiro (PB), cujo objetivo geral é verificar se, em contextos sintáticos de voz média, a perífrase com IR (conjugado no presente) + INFINITIVO semanticamente apresenta, na expressão do futuro, as mesmas restrições sintáticas e os mesmos efeitos semânticos que aparecem no passado. Uma outra intenção é averiguar se tais contextos favorece ou desfavorece a variável IR + INFINITIVO (com ir no presente, ex. 1), em relação às variáveis IRÁ + INFINITIVO (ir no futuro do presente, ex. 2) e FUTURO DO PRESENTE (ex. 3) na marcação do tempo futuro.

- (1) Cuidado! O pneu **vai furar**.
- (2) Cuidado! O pneu **irá furar**.
- (3) Cuidado! O pneu **furará**.

O estudo também objetiva identificar/analisar as distinções entre sentenças dessa natureza; e quais fatores são atuantes nessas distinções, observando o comportamento linguístico de falantes nativos do português diante das opções de futuridade, verificando, nos fatores predicação verbal e argumento “afetado”, as construções causativas e, principalmente, as incoativas, inerentes às sentenças em voz média.

Em referência à análise linguística a algumas estruturas *ir* + infinitivo como expressão do futuro do presente, cabe compará-la com a sua representação no tempo passado, visto que essa perífrase não está restrita ao tempo futuro, mas também ser empregada no passado e no presente. Porém, no passado, em especial, há restrições à sua distribuição (diferenças de aceitabilidade) que parecem marcar uma contribuição semântica da perífrase. Como resquício da interpretação de IR como um verbo de deslocamento, “Eu fui almoçar”, diferentemente de “Eu almocei”, parece indicar um movimento no espaço em relação ao local de almoço, que acaba se constituindo, por equivalência, num intervalo temporal (o tempo necessário de deslocamento para cobrir a distância existente entre o local de trabalho e o local de almoço). Daí, a ideia de um evento preparatório, necessário ao almoço, mas anterior a ele em ‘Eu fui almoçar’. Entende-se algo como ‘Eu saí para almoçar’ – almoçar é possível se o destino do movimento espacial for atingido; do contrário, não. Quem sai para almoçar ou foi almoçar pode voltar para o trabalho no turno da tarde, após o intervalo de almoço, sem ter de fato almoçado. Mas quem diz “Eu almocei” não pode ter deixado de almoçar. Portanto, não há equivalência semântica completa entre a perífrase IR (no pretérito perfeito) + INFINITIVO e a forma simples, como o verbo principal conjugado no pretérito perfeito. Tais elementos/informações permitem dizer que o significado do verbo IR pleno (movimento, dinamismo, agentividade)

ainda está presente na perífrase IR + INFINITIVO, no passado. Então, se esses resquícios do significado pleno de IR não forem percebidos na perífrase IR + INFINITIVO no futuro, significa que o verbo IR está funcionando como um auxiliar formador de futuro, tendo se esvaziado completamente de sua semântica própria, tendo sofrido diacronicamente um processo de *verb bleaching* que o transforma de elemento lexical para um elemento funcional. Se nenhuma das diferenças for percebida no uso futuro da perífrase, isso significará que nela IR (carregando a flexão denominada no sistema de conjugação de presente do indicativo) está sendo interpretado pelos falantes como um marcador de futuro, sem outro significado que esse. Isso indica um processo avançado de gramaticalização.

Observem-se as sentenças: *Fomos almoçar* e *Vamos almoçar*. Numa leitura semelhante à “Fui almoçar”, “Fomos almoçar” (aspecto perfectivo) também traz a indicação de IR (no passado Fomos) como verbo de movimento no espaço, dando a ideia de pessoas que saíram para almoçar, mas com a possibilidade de ter voltado sem ter comido nada, agindo de forma diferente a “Almoçamos” (pretérito perfectivo), que, além de não dar a ideia de deslocamento a um local onde se serve comida, é inegável a ação de ter comido. Então, “Fomos almoçar” (aspecto perfectivo) se comporta semanticamente diferente de “Almoçamos” (no tempo pretérito perfectivo). Se se desdobrar “Vamos almoçar” em “Almocemos”, o traço [movimento] continua sendo percebido no IR (no tempo presente, vamos) do “Vamos almoçar”, gerando a noção de intervalo temporal entre o comer e o já comeu, mas sem a certeza de ter comido. Em “Almocemos” (tempo presente), não existe o traço [movimento], já que é ausente o IR, mas também há uma noção de intervalo temporal – mesmo que menos marcado – uma vez que também não atesta o fato de ter comido; a ação não se concluiu. Aqui, para além do registro mais ou menos formal, a diferença semântica é menos marcada que em “Fomos almoçar” e “Almoçamos”, onde há uma diferença de significado mais perceptível.

Compare-se a perífrase “Vamos ser flamenguistas” com uma outra sentença com o verbo não dinâmico no presente - “Vamos ser flamenguistas”. Também existe diferença semântica. A primeira forma indica que ainda não torcemos pelo Flamengo, que no momento não somos torcedores desse time (o início da torcida está no futuro), e a segunda, que já somos torcedores neste momento. Então, a troca da perífrase pela forma do verbo principal conjugada no chamado futuro do presente não pode ocorrer com verbos estativos. Não são sinônimos. Só há sinonímia entre “Vamos sair” e “Sairemos” (à parte a diferença de registro, nas duas formas a saída ainda não aconteceu, só acontecerá no futuro).

Ainda, na relação IR + INFINITIVO e verbos estativos, pode-se dizer perfeitamente Vou estar em sua casa às 19h, Você vai gostar do filme, mas Fui estar em sua casa às 19h,

Você foi gostar do filme não são sentenças boas no PB. Nas duas primeiras, o IR funciona tranquilamente para expressar futuridade, com os verbos não dinâmicos *estar* e *gostar* (*vou estar* e *vai gostar*), porém não permitem a representação do passado (*fui estar* e *foi gostar*). Então, no tempo futuro, é ilimitado o uso de *ir* + infinitivo atualmente? Acredita-se que sim.

Assim, pode-se avaliar que a diferença semântica entre a perífrase IR + INFINITIVO e a forma do verbo principal flexionada é maior no passado, mas existe uma diferença (embora menor) no presente (em verbos não-dinâmicos, estativos) e não há diferença alguma no futuro.

O experimento deste estudo visa examinar se os falantes fazem esse mesmo julgamento do futuro, ou se alguns deles ainda percebem resquícios do verbo IR pleno na perífrase usada para expressar futuro.

Adota-se o suporte teórico-metodológico da Semântica, tomando-se conceitos fundamentais, uma vez que se investiga a interpretação dos falantes nativos do PB para verificar se eles enxergam diferenças semânticas entre a perífrase e a forma simples na expressão de futuro. No entanto, direciona-se a pesquisa para a linha formalista da Semântica, em que se encontram princípios específicos para a análise aqui proposta. Ademais, há um diálogo com domínios da Sociolinguística Variacionista (1972, 1994), na medida em que investiga se o IR da perífrase de fato já se gramaticalizou como expressão de futuro, o que indicaria (caso essa hipótese se comprove, e os resultados demonstrarem que o IR da perífrase futura não tem mais os traços do IR lexical, de movimento) que essa variante já é dominante.

Pressupostos teóricos

Em um recorte muito breve do molde teórico da Sociolinguística Variacionista, o falante/escrevente utiliza-se de variantes – formas diferentes para dizer a mesma coisa (LABOV, 1972, 1994). Contudo, existem nuances semânticas entre as diferentes formas, conforme propõe a Semântica. É essa a direção que tomará este estudo: a de se valer das condições de verdade em que a Semântica, em sua linha formalista, se sustenta para explicar/descrever os significados de sentenças.

De um lado, se eu tenho a pretensão de viajar para Salvador amanhã, por exemplo, eu posso dizer/escrever²

- (4) Eu viajarei para Salvador amanhã.
- (5) Eu vou viajar para Salvador amanhã.

² Descartando outras possibilidades que não serão vistas aqui, como a forma do presente com valor de futuro do presente e construções com o auxiliar *haver* (no presente e no futuro do presente) + infinitivo (respectivamente, *Eu viajo para Salvador amanhã*, *Eu hei de viajar para Salvador amanhã*, *Eu haverei de viajar amanhã*).

(6) Eu irei viajar para Salvador amanhã.

A Sociolinguística, então, investiga, nas regras variáveis à língua, nessa perspectiva, fatores condicionantes internos e externos que justifiquem por que o falante/escrevente opta por uma ou outra forma.

Assim, a variação entre formas de futuridade para falar de uma mesma coisa tem uma análise/explicação semântica para cada sentença variante. Neste estudo, então, o aspecto semântico será o instrumento, com regras categóricas, em nível de análise linguística, para analisar sentenças com formas verbais que expressam futuridade.

Partindo da máxima de que “a unidade básica de análise da Semântica Formal é a sentença”, explícita em Gomes e Mendes (2018, p. 16), fazer uma análise linguística, em nível de sentença, é entrar no campo de estudos sintáticos. E aqui as estruturas de futuridade se encaixam perfeitamente nesse âmbito.

A Semântica Formal é

o estudo científico do significado que procura descrever o conhecimento semântico dos falantes de uma língua. [...] as operações semânticas acompanham as combinações sintáticas. Nesse sentido, a unidade básica de análise da Semântica Formal é a sentença. Segundo essa perspectiva, o significado de uma sentença declarativa é definido como suas condições de verdade. Portanto, dizemos que a Semântica Formal adota uma abordagem verifuncional do significado. (GOMES; MENDES, 2018, p. 15).

Nesse trecho de Gomes e Mendes (2018), salientam-se três máximas da Semântica Formal que devem ser registradas:

- a) como área que estuda o significado linguístico das línguas naturais;
- b) que analisa a sentença/proposição como um todo; daí, a relação das operações semânticas com as combinações sintáticas; dedica-se, portanto, a explicar como qualquer falante nativo produz sentenças com significado e compreende sentenças formadas na sua língua
- c) que procede a uma abordagem que foca nas condições de verdade do significado, buscando “explicações gerais e produz hipóteses que podem ser verificadas (e então confirmadas ou falseadas pelos dados).” (p. 9)

2.1 Classes acionais dos verbos

Com os tempos verbais, situam-se as eventualidades no momento de fala (MF), marco zero, e no momento de referência. Entretanto, segundo Gomes e Mendes (2018), os tempos linguísticos sozinhos não oferecem toda a instrumentalização para distinguir entre os diferentes julgamentos de valor de verdade das sentenças. Há diferenças aspectuais que devem ser consideradas.

Seguindo esse raciocínio, faz-se necessário, antes de tratar das classes acionais dos verbos (aspecto lexical), recordar o conceito de *aspecto* como “a categoria que lida com a constituição interna das eventualidades, indicando, por exemplo, se a eventualidade é apresentada como ainda estando em andamento ou como já concluída”. (GOMES; MENDES, 2018, p. 123).

As particularidades semânticas dos eventos descritos pelos predicados verbais, segundo a literatura, têm relevante papel linguístico. Gomes e Mendes (2018) falam dessa questão citando Vendler (1957) que apresentou, pioneiramente, as diferentes classes acionais de eventos, no âmbito do aspecto lexical. Elas informam que, em relação ao comportamento dos verbos em diferentes esquemas temporais, são identificados quatro padrões de predicados diferentes: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. O primeiro não dinâmico (estados) e os outros, dinâmicos. Assim, do ponto de vista da tipologia verbal, os verbos podem ter tanto uma visão dinâmica da realidade (com ação, processo e processo-ação) como uma visão estática (estado) da realidade.

Vendler (1957 *apud* GOMES; MENDES, 2018), para a distinção dos predicados verbais, assume dois traços: a telicidade (‘meta’, ‘alvo’) e a duração. A telicidade “representa a propriedade de o ponto terminal para a eventualidade vir assinalado no próprio predicado”. (p. 128). Ou seja, uma força que leva ao próprio fim. Os predicados verbais télicos têm culminância inerente. Os predicados atélicos não têm um fim determinado, previsto pelo predicado, podendo perdurar. “[...] A telicidade não diz respeito a eventos que acabam ou não acabam no mundo, mas a diferentes denotações para eventos, uma com fim predeterminado pelo predicado e outra sem tal predeterminação.” (GOMES; MENDES, 2018, p. 128).

Para exemplificar: *comer o bolo, construir uma casa, desenhar o círculo* são predicados télicos, visto que o seu fim é o próprio fim do objeto, no caso, comido, construído, desenhado. *Empurrar o carro, ver TV* são predicados atélicos porque não trazem o fim em seu próprio significado, no caso, empurrar o carro e ver TV não têm fins previstos; os fins estão em aberto.

A duração é a outra propriedade. Gomes e Mendes (2018, p. 131) ressaltam que predicados télicos podem caracterizar tanto eventos durativos (como no predicado *desenhar um círculo*) como pontuais (com os verbos *reconhecer* e *atingir*). Os predicados télicos durativos são *accomplishments*; os télicos pontuais são *achievements*.

Os verbos de estados (*O céu está azul*) descrevem um estado de coisas, não alterando esse estado ao longo do tempo. Também são geralmente caracterizados como “verbos que não indicam ação, que possuem um sujeito experienciador e que são incompatíveis com imperativo e progressivo”. (GOMES; MENDES, 2018, p. 133). Os verbos de atividades (*Maria corre duas*

vezes por semana) são os de processo; têm duração, mas ao contrário dos de estado (com prolongamento indefinido no tempo), eles chegam ao fim do processo no contexto. Os verbos *accomplishments* (*Maria fez um bolo de cenoura*) são predicados com fases diferentes, que expressam uma mudança de estado, às vezes, até extrema. Os verbos *achievements* (*Tânia ganhou as eleições*) expressam mudanças de estado brusca.

A figura abaixo, extraída de Gomes e Mendes (2018, p. 132), resume a divisão dos quatro tipos de predicados em função das propriedades/traços “telicidade” e “duração”.

	[+ télico]	[- télico]
[+ duração]	<i>accomplishments</i>	atividades
[- duração]	<i>achievements</i>	estados

2.2 Diferença entre IR pleno e IR na perífrase

O verbo *ir* é exemplo de fonte lexical significando ‘movimento em direção a um alvo’ e também marca intenção, futuro. É preciso, então, para este trabalho, entendê-lo como verbo autônomo e como auxiliar na estrutura *ir* + infinitivo.

Na direção da perífrase, a forma do *ir* resulta de um processo de gramaticalização, cujo processo consiste na “atribuição de um caráter gramatical a um termo outrora autônomo” (cf. Meillet, 1912, p. 13). Esse processo recai sobre itens lexicais, expressões e estruturas sintáticas. Na estrutura do complexo perifrástico, dois princípios podem explicar a gramaticalização de do verbo *ir*: a analogia e a reanálise³, como segue:

a) Analogia

Segundo Castilho (1997, p. 52-53), esse processo de analogia acontece perfeitamente na constituição de *ir* + infinitivo. Veja-se o exemplo:

(7) “**Vou caminhar** um pouco”

Nessa sentença, o verbo *ir* passou de movimento, significando ‘vou sair para caminhar um pouco’ para verbo auxiliar do verbo *caminhar*, indicando tempo futuro. Por analogia, qualquer verbo no infinitivo, que não significa movimento, passa a se constituir com o verbo *ir* para indicar o futuro, como no seguinte exemplo:

(8) “**Vou ficar** por aqui mesmo”

Meillet (*apud* CASTILHO, 1997, p. 53) diz que a analogia se apresenta quando novos paradigmas se formam por mutação a partir de paradigmas já existentes. Os paradigmas novos são as estruturas *ir* + inf. = futuro, que se formam de *ir* + verbo de movimento.

³ Pra saber mais sobre esses dois processos, cf. Castilho (1997) e Martellota *et al.* (1996).

b) Reanálise

Para observar esse processo, comparem-se os exemplos de Barroso (1994, p. 56):

- (9) *vai* sempre de automóvel para a universidade
(verbo *ir* pleno, significando movimento de perto para longe do falante)
- (10) *vai* estudar para o teste de Lingüística,
(verbo *ir* gramaticalizado, como marca de futuro)

Verifica-se que em (9), o verbo *ir* é pleno, ou seja, portador de seu significado léxico: significa deslocar-se para um lugar onde não se encontra o locutor; em (10), pelo contrário, já gramaticalizado (reanalizado), ele não funciona mais como verbo autônomo, e sim como um instrumento gramatical. É o auxiliar *ir* que atribui à ação expressa pelo verbo *estudar* a noção de futuro, apresentando-se como um caso de reanálise, em que há troca de categoria sintática e semântica do léxico.

2.3 Vozes do verbo

Nessa discussão, é importante destacar o critério sintático para a análise do objeto de estudo. “A posição sintática [...] é um fator importante, porque a ordem sentencial gera interpretações diferentes em língua como o português” (GOMES; MENDES, 2018, p. 103). Em português, quem faz – agente ou causador – é o argumento que vem antes do verbo, na posição de sujeito. O que vem depois do verbo, em posição de complemento, é o afetado.

Convém, antes de prosseguir, informar que papel temático (papel - θ) é a função fixa que um argumento desempenha, independente da sua posição na sentença, seja qual for a voz verbal. E o argumento, dependendo da sua posição sintática, pode ser agente, quando está na posição de sujeito, sendo interpretado como o responsável pela ação; causador, quando, também está em posição de sujeito, sendo interpretado como a causa de ter provocado a mudança de estado de algo; e afetado, quando está na posição de complemento, sendo interpretado como o que foi “afetado”, aquele que sofre, o que mudou de estado. (Ver mais informações nos parágrafos seguintes).

As línguas naturais oferecem o recurso *voz verbal* (diátese) para contar um fato de perspectivas diferentes, podendo focar em um ou em outro argumento. Assim, para apresentar um acontecimento ou eventualidade, o falante do português tem à disposição estratégias linguísticas – são as três vozes do verbo: ativa, passiva e média.

Gomes e Mendes (2018, p. 104), assim se referem às três estratégias:

[...] a **voz ativa** é aquela que vem tanto com o agente da mudança quanto com o afetado (aquele que mudou) expressos. Na **voz passiva**, a prioridade é informar quem passou pela mudança de estado e qual foi essa mudança, o que resulta na opcionalidade do agente da mudança. [...] A **voz média**, por sua vez, conta um fato como se ele se desenrolasse sozinho, focando a mudança

de estado em vez de dar atenção a quem a sofre ou a provoca; daí não ser possível incluir o causador/agente”. (Grifos meus).

As autoras (p. 104) exemplificam as três vozes com as sentenças:

- (11) O churrasqueiro assou a picanha. (voz ativa)
 (12) A picanha foi assada pelo churrasqueiro. (voz passiva)
 (13) A picanha assou. (voz média)

As estudiosas chamam a atenção que “o fato básico descrito permanece o mesmo em qualquer voz: um determinado corte de carne de certo tamanho e qualidade passa do estado de cru para o de assado” (p. 104). Um sintagma determinante – *picanha* – nomeia aquilo que mudou de estado por causa do processo de assamento. Um verbo – *assar* – descreve a mudança de estado. Um outro sintagma determinante – *churrasqueiro* – nomeia o responsável (o agente) pela mudança de estado da carne.

Em outra análise sintático-semântica, verifica-se a manutenção dos papéis temáticos dos sintagmas determinantes (argumentos): o argumento *picanha* permanece com o mesmo e único papel temático nas três sentenças, aquilo que foi assado; assim como o argumento *churrasqueiro*, o responsável que fez a picanha assar. A diferença entre as sentenças é a função sintática que os argumentos exercem em (11), (12) e (13). Desse modo, um mesmo papel temático pode corresponder a funções sintáticas diferentes: *picanha* figura com o papel fixo de “aquilo que foi assado” – de afetado – nas três sentenças, mas com funções sintáticas diferentes: (a) complemento em (11), sujeito em (12) e (13); *churrasqueiro* figura com o papel fixo de “quem fez a picanha assar” – de agente – nas três sentenças, mas com a função de sujeito em (11) e agente da passiva em (12).

A voz média

Em termos de hierarquia temática, na voz média, o afetado só é sujeito porque não há nem o agente nem o causador na sentença. Ou seja, não tem agente porque essa estratégia não está preocupada em expressar quem faz/provoca a ação nem quem sofre. Está preocupada somente em focar na mudança de estado. Daí, não ser possível expressar o agente/causador. Conforme Gomes e Mendes (2018, p. 105), o teste específico para identificar a voz média é uma sentença que seja a resposta ideal para a pergunta “O que aconteceu?”. No caso de sentenças no tempo futuro, sugere-se que a pergunta seja “O que acontecerá/vai acontecer/irá acontecer?”, podendo ser também “O que está prestes a acontecer?”.

Em outro ponto, onde discute o que licencia a voz média, as Autoras expressam que “A passagem da voz ativa para a voz média é conhecida na literatura linguística como alternância causativa-incoativa” (GOMES; MENDES, 2018, p. 107). Citam, como exemplo, *A chuva*

encheu os baldes com água, dizendo que “a chuva” não é agente, e sim a causa de os baldes encherem de água, não podendo, portanto, utilizar uma palavra-teste como “propositalmente” para dar a versão na voz passiva, como em **A chuva encheu propositalmente os baldes com água*. Contudo, pode-se transformá-la em voz média: *Os baldes encheram*. Dessa forma, Gomes e Mendes (2018) apontam o princípio da causatividade como o que licencia a voz média, expressando-se nestes termos: “A causatividade (isto é, a presença na voz ativa de um detonador involuntário do processo, não proposital) é o que licencia a voz média (embora não a passiva)”. (p. 107).

Outras concepções são aplicadas à diferença de interpretação entre IR pleno e IR na perífrase, no passado, no presente e no futuro. Os exemplos e as devidas considerações que seguem permitem mostrar por que motivo os verbos dinâmicos de movimento como IR pleno não permitem a formação de voz média.

PASSADO

- (14) João foi à Bahia.
- (15) *A Bahia foi.
- (16) João foi almoçar (João é quem almoça, não o afetado, não existe forma com dois argumentos possível, incluindo um causador, daí a agramaticalidade de (17)).
- (17) # Maria foi almoçar João (não pode significar que Maria é a causa de João ter almoçado).

Mas...

- (18) O sol derreteu a manteiga (construção causativa).
- (19) A manteiga derreteu (voz média).

E ainda...

- (20) *O sol foi derreter a manteiga (construção causativa).
- (21) *A manteiga foi derreter (voz média).

PRESENTE

- (22) João vai à Bahia.
- (23) *A Bahia vai.
- (24) João vai almoçar (João é quem almoça, não o afetado, não existe forma com dois argumentos possível, incluindo um causador, daí a agramaticalidade de (25)).
- (25) # Maria vai almoçar João (não pode significar que Maria é a causa de João ter almoçado).

Mas...

- (26) O sol derrete a manteiga (construção causativa).
- (27) A manteiga derrete (voz média).

E ainda...

- (28) #O sol vai derreter a manteiga (construção causativa) (com leitura de presente, como algo em curso no momento de fala).
- (29) #A manteiga vai derreter (voz média) (com leitura de presente, como algo em curso no momento de fala).

De modo que, se, no futuro, essa diferença some, o verbo IR não é mais um verbo pleno.

FUTURO

(30) João irá à Bahia.

(31) *A Bahia irá.

(32) João irá almoçar (João é quem irá almoçar, ele não é o afetado, não existe forma com dois argumentos possível, incluindo um causador, daí a agramaticalidade de (33).

(33) # Maria irá almoçar João (não pode significar que Maria é a causa de João ter almoçado).

Mas...

(34) O sol derreterá a manteiga (construção causativa).

(35) A manteiga derreterá (voz média).

E ainda...

(36) O sol vai derreter a manteiga (construção causativa) (leitura de evento futuro).

(37) A manteiga vai derreter (voz média) (leitura de evento futuro).

Dados, como os acima, mostram que o verbo IR pleno não pode entrar em voz média; a perífrase no passado não é gramatical, em sentenças em que a voz média é possível sem perífrase; no presente, a perífrase é aceita, mas a leitura é de futuro, enquanto que a versão sem perífrase indica eventualidade presente; mas no futuro, verbos que aceitam voz média podem formar voz média com perífrase expressando futuro.

2.4 Tempo verbal

Para atuar nos domínios referentes à predicação e a argumentos sobre as estruturas verbais deste estudo, recorre-se a Gomes e Mendes (2018, p. 117), quando, ao tratarem de tempo verbal, chamam a atenção para as categorias modo e tempo, afirmando serem elas duas concepções semânticas importantes que causam mais impacto para a caracterização do evento descrito pelo verbo. Porém, a descrição linguística das formas verbais para este estudo abrangerá apenas a noção temporal.

Nessa descrição, cabe apenas a do tempo linguístico (em contraposição ao cronológico: baseado no calendário ou no relógio). Como as concepções sobre tempo linguístico se completam, segue-se com o pensamento de Gomes e Mendes (2018) que faz um apanhado da noção, sublinhando que “o tempo linguístico descreve de que modo a eventualidade é situada a partir do proferimento da sentença, que marca o momento de fala (MF)” (p. 117). As Autoras exemplificam os três tempos verbais das línguas naturais: **Presente** – “Pedro está estacionando o carro”; **(Passado** – “Pedro já tinha ido ao mercado três vezes hoje”; e **Futuro** – “João vai trabalhar amanhã”.

As Autoras resumem todas as concepções da literatura de tempo verbal e consideram que a combinação entre eventualidade (momento do evento – ME) e o proferimento da sentença (momento da fala – MF) dava conta apenas desses dois domínios – ME e MF – para as três

representações temporais: o tempo presente (ME = MF); o tempo passado (ME < MF); e o tempo futuro (ME > MF).

No entanto, “esse sistema com dois valores (ME e MF) não é suficiente para representar todas as distinções que a língua portuguesa consegue expressar.” (GOMES; MENDES, 2018, p. 119). Nesse raciocínio, como analisar, então, os pares de sentença que seguem, em que existem outros domínios temporais no jogo linguístico?

(38a) Quando eu me aposentar, já terei completado 70 anos.

(38b) Quando eu completar 70 anos, já terei me aposentado. (cf. GOMES; MENDES, 2018, p. 119).

Então, para dar conta de contextos como (38^a e 38b), as Autoras reafirmam (como outros estudiosos da área) que, na teoria semântica, além do momento da eventualidade e do momento de proferimento da sentença, deve-se buscar um outro momento, uma referência. Essa inserção surge na/da proposta de Reichenbach (1947), melhorada por Comrie (1985) (*apud* GOMES; MENDES, 2018, p. 120), quando foi acrescido um outro valor ao sistema dos tempos relativos, o momento de referência (MR) (*reference time*), além do ME e do MF.

Nesse raciocínio, o par de sentença (38a) e (38b) exprime a noção de futuro, por ME e MR figurarem após MF. Percebe-se que há, nesses contextos, duas eventualidades: a aposentadoria e a idade.

A análise semântica em (38a) permite dizer que a pessoa só pode se aposentar (aposentadoria ME) após completar os 70 anos (idade MR). E, em (38b), a pessoa se aposenta (aposentadoria MR) antes dos 70 anos (idade ME).

Então, objetivamente, o tempo futuro é aquele que expressa uma referência após o momento da fala. Gomes (2019)⁴ afirma que a futuridade em Semântica Formal é também expressa pelo gerúndio. Ela ainda acrescenta que existem trabalhos que contrapõem significados em sentenças como *chego em 10 minutos*, *vou chegar em 10 minutos* e *vou estar chegando em casa na hora em que você sair da aula*. A construção com o gerúndio estabelece um evento no futuro que é simultâneo a outro (conforme *vou estar chegando em casa na hora em que você sair da aula*) ou que atende a uma meta por alcançar – que é o caso da modalidade teológica – como em *para não perder o voo, ela vai estar a caminho meia hora mais cedo*⁵.

⁴ Informações no Curso de “Questões de Semântica”, Doutorado em Língua Portuguesa, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas.

⁵ Informações dadas pela Professora Ana Paula Quadros Gomes em orientação referente à disciplina “Questões de Semântica”, no Curso de Doutorado, na UFRJ.

A Autora também sinaliza que o futuro com gerúndio marca uma diferença de aspecto em relação ao futuro sem ele. “Assim como vemos em “foi” e “ia”, duas formas do passado que não estão em variação entre si, pois uma expressa o perfectivo e a outra, o imperfectivo”.

As considerações/concepções sobre tempo linguístico servem de identificação da linha temporal dos verbos para, a partir desses domínios temporais e análise semântica preliminar, compreender o objeto de estudo.

Hipóteses

Inicialmente, parte-se de indícios de que (1) existam diferenças semânticas entre as três formas verbais. Das três, (2) a forma *ir* (no presente do indicativo) + infinitivo pode ser a estrutura verbal mais assinalada pelos participantes do teste de avaliação, pelo fato de ser a variante inovadora.

O contexto de voz média (por exemplo, *O pneu furou*) apresenta apenas o evento ocorrido e o argumento afetado na posição de sujeito; por outro lado, sentenças com o mesmo verbo e dois argumentos apresentam o argumento externo “causador” na posição de sujeito e o argumento interno, o afetado, na posição de complemento verbal. A hipótese é que a voz média leve a produções mais inconscientes e menos monitoras, favorecendo a variante inovadora.

No tempo passado, temos construções sintáticas com IR + INFINITIVO, mas esse tipo de contexto sintático só licencia verbos dinâmicos, de mudança de estado, e não pode ser usado em verbos da classe acional vendleriana estado.

Verbos dinâmicos:

- (39) Eu **ia sair** domingo, mas desisti. (IR no imperfeito do indicativo + INFINITIVO – verbo de *achievement*)
- (40) Eu **fui dormir** às 22h ontem. (IR no perfeito do indicativo + INFINITIVO – verbo de atividade)
- (41) Quando **fui preparar o almoço**, descobri que o gás tinha acabado. (IR no perfeito do indicativo + INFINITIVO – verbo de *accomplishment*)

Verbos não-dinâmicos:

- (42) *A chave **foi ficar na gaveta**, para quando eu precisasse. (IR no perfeito do indicativo + INFINITIVO – verbo de estado) (Comparar com o futuro: *A chave vai ficar na gaveta, para quando você precisar usar o carro.*)
- (43) *A água **foi ser escassa** no Nordeste. (IR no perfeito do indicativo + INFINITIVO – verbo de estado) (Comparar com o futuro: *Em 2020, a água vai ser escassa no Nordeste.*)
- (44) *Quando **eu fui ser criança**, tudo era diferente. (IR no perfeito do indicativo + INFINITIVO – verbo de estado) (Comparar com o futuro: *Quando eu vou ser criança novamente? Na velhice, é claro!*)

Além de apresentar sensibilidade ao traço dinâmico do aspecto acional, resistindo aos estativos, a perífrase IR + INFINITIVO no passado também é sensível, na diátese verbal, à alternância causativo-incoativa:

Causativos (verbos com dois argumentos, um com papel- θ de causador e outro, de afetado):

(45) ??O prego **foi furar** o pneu.

(46) ??O calor **foi derreter** a manteiga.

Voz média (verbos com um único argumento, com papel- θ de afetado):

(47) ??O pneu **foi furar**.

(48) ??A manteiga **foi derreter**.

Os dados de (39) a (48) mostram que, no passado, a forma IR + INFINITIVO requer uma dinamicidade apropriada ao papel- θ de agente, levando a certa estranheza quando o papel- θ é de causador ou afetado. Mas essa sensibilidade desaparece completamente no futuro:

(49) O prego **vai furar** o pneu.

(50) O calor **vai derreter** a manteiga.

(51) O pneu **vai furar**.

(52) A manteiga **vai derreter**.

Os fatos apontam para a completa gramaticalização da perífrase IR + INFINITIVO no futuro, já que as exigências de que os verbos sejam de mudança de estado e de que haja dinamismo, operantes nas perífrases em tempo passado, desaparecem quando as perífrases expressam futuro.

A hipótese adotada é que a variante IR + INFINITIVO, como expressão de futuro, esteja tão dominante que já não haja nenhuma restrição quanto ao seu uso nos contextos em que a perífrase é desfavorecida quando usada no tempo passado.

Desse modo, o que se quer verificar com o experimento aqui proposto é se as sensibilidades notadas para a distribuição da perífrase no passado ainda são percebidas quando a perífrase é usada para expressar futuro, ou se não é notada mais.

Metodologia

4.1 A contribuição da Psicolinguística na Descrição Gramatical

O objeto de investigação da Psicolinguística na Descrição Gramatical é qualquer fenômeno gramatical que possa ser considerado em sua dimensão cognitiva; estuda-se a realidade psicológica da gramática de uma língua natural, o substrato cognitivo do comportamento linguístico humano.

A *Psicolinguística na Descrição Gramatical* (KENEDY, 2015) foi utilizada como suporte teórico-metodológico para este estudo. Esse modelo adota, conforme Kenedy (2015),

os modelos canônicos de experimentação da Psicolinguística (como a psicologia cognitiva e a neurociência, por exemplo) nas pesquisas que versem sobre hipóteses descritivas e/ou conteúdos/teorias gramaticais. Trata-se de uma abordagem que permite a formulação e o teste experimental em previsões comportamentais. Baseando-se, então, em julgamentos intuitivos para questões gramaticais e linguísticas, a Psicolinguística fornece evidência empírica para tratar de descrições sobre fenômenos linguísticos e de tipologia estrutural das línguas. Assim, direciona-se o aparato metodológico dessa ciência para nortear uma experimentação que é um teste que busca o julgamento intuitivo de falantes nativos.

Nessa lógica, já que as respostas se baseiam na intuição do falante, a pesquisa adota, então, a metodologia introspeccionista. Segundo Kenedy (2015), tal metodologia

consiste em utilizar julgamentos metalinguísticos extraídos de uma pessoa em particular de modo a identificar a impressão de estranhamento ou de normalidade que determinados estímulos linguísticos podem provocar. Nesse sentido, a sensação subjetiva da (in)aceitação de um estímulo é tomada como evidência da (a)gramaticalidade de determinado tipo de estrutura na língua representada na mente do falante nativo investigado. (p. 147)

4.2 Os procedimentos metodológicos

Este estudo aplicou uma pesquisa experimental. E, considerando os processos protocolares inerentes à metodologia da Psicolinguística na Descrição Gramatical, optou pela técnica experimental “medida off-line”, consistindo no julgamento de aceitabilidade (juízo de gramaticalidade) de sentenças apresentadas, em que se produziu contextos escritos, tendo como tarefa do experimento respostas a perguntas interpretativas.

Na literatura sociolinguística laboviana, chama-se de variáveis dependentes ao fenômeno de variação da língua que se quer investigar, ou as formas que competem ou co-ocorrem. A cada uma dessas formas dá-se o nome de variante. Variáveis independentes são os fatores linguísticos (estruturais) ou sociais que influenciam no uso de uma ou outra variante.

Assim, quanto às variáveis do experimento deste estudo, selecionaram-se as dependentes: as três expressões alternativas de futuro: IR + INFINITIVO (*vai furar*), futuro do indicativo (*furará*) e a forma com o verbo IR da perífrase conjugado no futuro (*irá furar*). E as independentes (estruturais): construções causativas, de um lado, e incoativas, de outro, como ilustradas no quadro que segue.

		Variáveis dependentes		
		IR no presente + INFINITIVO	futuro do indicativo	IR no futuro + INFINITIVO
Variáveis indepen-	causativa	<i>O prego vai furar o pneu.</i>	<i>O prego furará o pneu.</i>	<i>O prego irá furar o pneu.</i>

dentes	incoativa	<i>O pneu vai furar.</i>	<i>O pneu furará.</i>	<i>O pneu irá furar.</i>
--------	-----------	--------------------------	-----------------------	--------------------------

Quanto às condições experimentais, tratamento dos estímulos e distribuição dos participantes – outros protocolos concernentes à metodologia da Psicolinguística na Descrição Gramatical – apresentam-se as informações que seguem.

Desenho do teste e tarefa do participante

Foram escolhidos quatro verbos (*derreter, secar, encher e furar*) que aceitam a alternância causativa-incoativa, resultando em 24 sentenças. Essas sentenças foram distribuídas por seis listas distintas, cada uma contendo quatro sentenças. Dessa forma, os 24 itens totais do experimento são avaliados pelo conjunto dos participantes. Buscaram-se 05 participantes por lista, nesse momento inicial, o que requer um grupo de 30 participantes para o teste piloto. As células sociais são controladas, mas não foram requisito para a participação no teste. Talvez seja interessante futuramente comparar as respostas de participantes com 50 anos ou mais às de participantes abaixo de 30 anos, para verificar se há algum efeito geracional. Porém, nesse primeiro experimento, a variável idade não foi incluída como condição.

Selecionaram-se participantes baianos com, no mínimo, graduação e com formação acadêmica em diferentes áreas do conhecimento (Português, Matemática, Saúde, Educação Física, Geografia, História *etc.*).

A tarefa do participante é, após ler um contexto de uso para a sentença, numa das três formas de futuro, ou na condição causativa ou na incoativa, avaliar, numa escala *likert* (gradações de 0 a 5), quão natural aquela sentença soa para ele na situação descrita. Veja, no retângulo, o exemplo das instruções gerais e a escala de base para julgamento das sentenças:

Instruções Gerais

Leia a pequena narrativa e avalie se a sentença em negrito é apropriada para se dizer nessa situação. Use a sua intuição de falante sobre a naturalidade do uso, sem levar em conta as noções de erro ou acerto difundidas na nossa vida escolar. Marque:

- 5**, se achar a sentença totalmente apropriada para a situação;
- 4**, se achar que é apropriada, mas podia ser ainda mais natural;
- 3**, se achar que a sentença serve, mas há outras formas melhores de falar;
- 2**, se a sentença deixar a desejar;
- 1**, se for inadequada;
- zero**, se essa sentença não pertencer ao repertório de sentenças da nossa língua materna.

O contexto é o mesmo para as 6 condições na tabela. A parte do contexto teve de apresentar sempre o mesmo tamanho, em número de linhas/palavras. O número 1 exemplifica a condição IR + INFINITIVO com causativa; o número 2, a condição IR + INFINITIVO com incoativa; o número 3, a condição futuro do indicativo com causativa; o número 4, a condição futuro do indicativo com incoativa; o número 5, a condição IRÁ + INFINITIVO com causativa; e o número 6 exemplifica a condição IRÁ + INFINITIVO com incoativa. Quem vê uma condição não vê a outra. Segue, como ilustração, apenas a situação (01) do primeiro contexto, num total de seis. Como são quatro verbos, são também quatro contextos. Cada contexto também composto por seis situações.

Primeiro contexto	
(1) O pai está ensinando seu filho a dirigir. O filho está conduzindo o carro numa rua deserta. Antes de saírem, o pai pediu ao filho que observasse objetos na pista, para evitar qualquer situação perigosa ou desagradável ou que o veículo seja danificado. O filho está nervoso quanto à troca de marchas e ao pedal que deve comprimir, e não examina muito atentamente a pista diante dele. De repente, o pai avista um prego e, percebendo o perigo de o objeto perfurante furar o pneu do carro, alerta o filho:	
- Cuidado! O prego vai furar o pneu.	
Assinale uma opção para a naturalidade da sentença acima no contexto descrito:	
Zero () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()	

Análise dos dados

Como já descrito, 24 sentenças foram expostas à avaliação de 30 participantes (part.), sendo que, a cada 05 participantes, foi apresentada uma lista (num total seis elaboradas) contendo quatro contextos com formas de futuridade diferentes.

Na tabela 1, constam informações referentes a todas as sentenças disponibilizadas (24) para os participantes no teste, nas vozes ativa (A) e média (M). Nela, também contém também a nota de todos os 30 participantes do teste piloto, a média da pontuação dada por cada participante e a classificação decrescente de acordo às médias geradas, somadas as cinco notas. É importante retomar que as notas foram definidas por uma adaptação na escalearidade likertiana. Ressalta-se que se definiu por gerar médias referentes à soma das cinco notas de cinco participantes diferentes.

Tabela 1. Descrição das sentenças avaliadas e sua tipologia de voz verbal; da nota de cada participante; da média das notas dadas pelos participantes e da classificação mediante às notas dadas.

Classifi- cação	Sentenças	Voz	1ª Nota part.	2ª Nota part.	3ª Nota part.	4ª Nota part.	5ª Nota part.	Média
1ª	Assim o sorvete vai derreter	M	5	5	5	3	5	4,6
	A chuva encherá o balde	A	5	5	4	3	4	4,6
2ª	Assim o sorvete irá derreter	M	5	2	5	5	5	4,4

3 ^a	O sol vai secar o açude	A	5	4	5	3	4	4,2
	A chuva irá encher o balde	A	5	4	4	3	5	4,2
	O balde vai encher	M	5	4	5	3	4	4,2
	Cuidado! O pneu vai furar	M	5	3	4	5	4	4,2
4 ^a	Assim o calor vai derreter o sorvete	A	1	5	5	5	4	4,0
	Cuidado! O prego vai furar o pneu	A	5	3	5	2	5	4,0
	Cuidado! O prego irá furar o pneu	A	5	5	3	2	5	4,0
	Assim o sorvete derreterá	M	5	3	5	5	2	4,0
5 ^a	O açude secará	M	4	4	4	3	4	3,8
	Cuidado! O pneu furará	M	4	5	4	2	4	3,8
	O açude irá secar	M	4	5	4	2	4	3,8
6 ^a	Assim o calor derreterá o sorvete	A	4	5	5	Zero	4	3,6
	Assim o calor irá derreter o sorvete	A	5	3	4	2	4	3,6
	O sol irá secar o açude	A	5	1	4	3	5	3,6
7 ^a	O sol secará o açude	A	1	5	4	3	4	3,4
	Cuidado! O prego furará o pneu	A	1	4	4	4	4	3,4
	A chuva vai encher o balde	A	5	3	5	1	3	3,4
	O balde irá encher	M	4	5	2	2	4	3,4
	O açude vai secar	M	5	2	5	Zero	5	3,4
8 ^a	O balde encherá	M	1	4	3	4	4	3,2
9 ^a	Cuidado! O pneu irá furar	M	5	Zero	4	2	4	3,0

Pelas médias apresentadas na Tabela 1 – entre 3,0, a mais baixa, e 4,6 a mais alta – geradas em virtude das notas dadas pelos participantes na avaliação das formas com futuro do presente e com *ir* (com presente e com futuro do presente) + infinitivo, tanto na voz ativa (construções causativas) com na média (com verbos incoativos), verifica-se uma avaliação positiva, no sentido de os participantes referendarem as sentenças como apropriadas para as situações, dentro da previsibilidade de médias próximas a 5, a 4 e a 3, e não as avaliando como estruturas que deixam a desejar (média 2) ou serem inadequadas (média 1) ou que não fazem parte do repertório de sentenças da língua materna (média Zero).

Os verbos do teste piloto – *derreter*, *secar*, *encher* e *furar* – aceitam voz média, no tempo futuro. Essa voz média é produzida pelos falantes nativos com emprego do verbo *ir* como funcional (gramaticalizado) – não pleno. Tais informações refletem que as sentenças são aceitas pelos participantes com naturalidade, nas construções perifrásticas com o *ir* sem o traço de movimento. As amostras que seguem permitem ilustrar esses contextos no futuro com o verbo *ir* [- movimento], mas não é permitido nem no passado nem no presente.

No futuro, os falantes avaliaram as sentenças que seguem como naturais:

(53) O sol secará o açude (construção causativa).

(54) O açude secará (voz média).

E ainda...

(55) O sol vai secar o açude (construção causativa) (verbo “ir” gramaticalizado, leitura de evento futuro).

(56) O açude vai secar (voz média) (verbo “ir” gramaticalizado, leitura de evento futuro).

(57) O sol irá secar o açude (construção causativa) (verbo “ir” gramaticalizado, leitura de evento futuro).

(58) O açude irá secar (voz média) (verbo “ir” gramaticalizado, leitura de evento futuro).
Compara-se, assim, com o tempo passado, em que não é permitido o verbo *ir* na

perífrase, gramaticalizado, nem na voz ativa nem na média.

(59) *O sol foi secar o açude (construção causativa).

(60) *O açude foi secar (voz média).

Só permitido no passado simples

(61) O sol secou o açude (construção causativa).

(62) O açude secou (voz média).

Compara-se também com o presente, onde também não é permitido o verbo “ir” na perífrase, gramaticalizado, nem na ativa nem na média.

(63) #O sol vai secar o açude (construção causativa) (tem-se o verbo “ir” gramaticalizado, mas com leitura de presente, não de evento futuro, como algo em curso no momento de fala).

(64) #O açude vai secar (voz média) (tem-se o verbo “ir” gramaticalizado, mas com leitura de presente, não de evento futuro, como algo em curso no momento de fala).

Mas se permite no presente simples:

(65) O sol seca (está secando) o açude (construção causativa).

(66) O açude seca (está secando) (voz média).

Percebe-se, assim, que o verbo “ir” no futuro não tem, pelo menos nos contextos analisados, mais o domínio pleno de “movimento”, comportando-se como verbo que funciona para dar a sentença a noção de futuro.

As informações da Tabela 1 retratam que as sentenças “O sorvete vai derreter” (pertencente à lista 4) e “A chuva encherá o balde” (lista 2) tiveram média 4,6. Uma nota bem próxima da pontuação 5 que, pela caracterização de julgamento na tabela, a construção é considerada totalmente apropriada para a situação (*cf.* item “Metodologia”). Respectivamente, uma sentença está na voz média, e formada por *ir* (presente) + infinitivo; a outra na voz ativa, com a estrutura verbal futuro do presente.

Partindo dessa média mais alta (4,6), uma primeira análise que se faz é com relação à perífrase IR + INFINITIVO, na voz média. Das outras três sentenças, com a mesma predicação verbal formada por *ir* (presente) + infinitivo, duas receberam, em outras listas, julgamento de certa forma semelhante, por outros avaliadores; e uma outra obteve julgamento diferente. Observe-se a Tabela 2.

Tabela 2: Informações referentes às sentenças com *ir* + infinitivo, na voz média.

Lista	Sentenças	Voz	1ª Nota part.	2ª Nota part.	3ª Nota part.	4ª Nota part.	5ª Nota part.	Média
4	Assim o sorvete vai derreter	M	5	5	5	3	5	4,6
1	O balde vai encher	M	5	4	5	3	4	4,2
2	Cuidado! O pneu vai furar	M	5	3	4	5	4	4,2
3	O açude vai secar	M	5	2	5	Zero	5	3,4

Um grupo de participantes da lista 1, 2 e 4 avalia as sentenças “O sorvete vai derreter” (média 4,6), “O balde vai encher” (média 4,2) e “Cuidado! O pneu vai furar” (4,2) como apropriadas para a situação, com a primeira se aproximando de 5 (totalmente apropriada para a situação) e as outras duas, um pouco mais de 4 (apropriadas para a situação). Contudo, com a média 3,2, “O açude vai secar” foi avaliada pelos participantes como sentença que serve, mas há outras formas melhores de falar. É importante observar que dois participantes da lista 3 avaliaram essa sentença como ruim em PB. Um, dando nota 2, julga que a sentença deixa a desejar; o outro, dando Zero, avalia que a sentença não pertence ao repertório de sentenças da língua materna.

Percebe-se, portanto, que sentenças com *ir* (presente) + infinitivo, em voz média, foram bem avaliadas, quer dizer, apropriadas para as situações apresentadas, compostas pelos verbos incoativos principais “derreter”, “encher” e “furar”. Se se somar as quatro médias (4,6 + 4,2 + 4,2 + 3,4) e gerar uma média das médias (4,1) ainda assim a avaliação se mantém dentro da previsibilidade de julgamento das sentenças como naturais, sendo apropriadas às situações.

Em relação à *ir* + infinitivo na voz ativa (ver Tabela 3), quinze participantes avaliam as sentenças causativas como apropriadas à situação, dando notas cujas médias variam entre 4,2 e 4,0. Outros cinco julgaram que “A chuva vai encher o balde” serve (média 3,4), mas consideram que há outras formas melhores de falar. Um ponto que chama a atenção é uma nota 1 dada às sentenças “Assim o calor vai derreter o sorvete” e “A chuva vai encher o balde”, avaliando-as como inadequada para as situações.

Tabela 3: Informações referentes às sentenças com *ir* + infinitivo, na voz ativa.

Lista	Sentenças	Voz	1ª Nota part.	2ª Nota part.	3ª Nota part.	4ª Nota part.	5ª Nota part.	Média
4	O sol vai secar o açude	A	5	4	5	3	4	4,2
5	Assim o calor vai derreter o sorvete	A	1	5	5	5	4	4,0
1	Cuidado! O prego vai furar o pneu	A	5	3	5	2	5	4,0
3	A chuva vai encher o balde	A	5	3	5	1	3	3,4

Uma segunda análise foca na forma sintética do futuro do presente. Inicia-se com a voz ativa, com “A chuva encherá o balde”, na voz ativa, média 4,6 (também na primeira classificação junto com a construção com *ir* + infinitivo “Assim o sorvete vai derreter”, voz

média). A estrutura com o futuro do presente também foi avaliada por esse grupo de cinco participantes como apropriada para a situação, se aproximando da nota 5 (totalmente apropriada) – ver Tabela 4.

Tabela 4: Informações referentes às sentenças com futuro do presente, na voz ativa.

Lista	Sentenças	Voz	1ª Nota part.	2ª Nota part.	3ª Nota part.	4ª Nota part.	5ª Nota part.	Mé-dia
2	A chuva encherá o balde	A	5	5	4	3	4	4,6
6	Assim o calor derreterá o sorvete	A	4	5	5	Zero	4	3,6
5	O sol secará o açude	A	1	5	4	3	4	3,4
5	Cuidado! O prego furará o pneu	A	1	4	4	4	4	3,4

No entanto, considerando menos natural, verifica-se que quinze participantes (num total de vinte) avaliaram as outras três formas como sentenças que servem, mas que existem outras melhores de falar, dando notas que geraram médias entre 3,6 e 3,4.

Também se verifica que não houve notas que geraram médias 2, 1 e Zero que avaliariam as sentenças, respectivamente, como deixam a desejar, inadequadas e não pertencentes ao repertório de construções da nossa língua materna. Houve notas isoladas Zero e 1 que não influenciam na média.

Na Tabela 5 – dados relacionados as sentenças com futuro do presente, na voz média, também ratificando a naturalidade com que os participantes julgaram construções dessa natureza, com o estudo obtendo médias entre 4,0 e 3,2. As médias entre 4,0 e 3,8, novamente, avalizam as sentenças como apropriadas às situações. A média 3,2 em “O balde encherá” revela que a sentença serve, mas que existe formas melhores de expressão do futuro para aquela situação.

Tabela 5: Informações referentes às sentenças com futuro do presente, na voz média.

Lista	Sentenças	Voz	1ª Nota part.	2ª Nota part.	3ª Nota part.	4ª Nota part.	5ª Nota part.	Mé-dia
3	Assim o sorvete derreterá	M	5	3	5	5	2	4,0
2	O açude secará	M	4	4	4	3	4	3,8
6	Cuidado! O pneu furará	M	4	5	4	2	4	3,8
5	O balde encherá	M	1	4	3	4	4	3,2

Também, nesses contextos, não se obtiveram médias 2, 1 ou Zero que julgassem as sentenças não naturais.

No tocante às estruturas com *ir* (no futuro do presente) + infinitivo, nota-se, na Tabela 6, médias variando entre 4,4 e 3,0. Novamente, nos dados, não houve julgamento no sentido de que as sentenças deixaram a desejar (2), foram inadequadas (1) ou não faziam parte do repertório de construções na língua materna (Zero). Ao contrário, uma sentença – “Assim o sorvete irá derreter” (incoativa) – foi julgada como apropriada para a situação (média 4,4),

aproximando-se da nota 5 (totalmente apropriada). Outras sentenças são julgadas como apropriadas, médias entre 4,2 e 3,6, com maioria para construções causativas: “A chuva irá encher o balde”, “Cuidado! O prego irá furar o pneu”, “Assim o calor irá derreter o sorvete” e “O sol irá secar o açúcar”. Somente duas ficam no julgamento de que servem, mas há formas melhores: “O balde irá encher”, média 3,4, e “Cuidado! O pneu irá furar” (as duas incoativas). Então, verifica-se, no geral, que os participantes do teste aceitam as construções incoativas mais naturais na presença do *ir* (no futuro do presente) + infinitivo.

Tabela 6: Informações referentes às sentenças com *ir* (futuro do presente) + infinitivo, nas vozes média e ativa.

Lista	Sentenças	Voz	1ª Nota part.	2ª Nota part.	3ª Nota part.	4ª Nota part.	5ª Nota part.	Mé-dia
1	Assim o sorvete irá derreter	M	5	2	5	5	5	4,4
4	A chuva irá encher o balde	A	5	4	4	3	5	4,2
4	Cuidado! O prego irá furar o pneu	A	5	5	3	2	5	4,0
6	O açúcar irá secar	M	4	5	4	2	4	3,8
2	Assim o calor irá derreter o sorvete	A	5	3	4	2	4	3,6
1	O sol irá secar o açúcar	A	5	1	4	3	5	3,6
6	O balde irá encher	M	4	5	2	2	4	3,4
3	Cuidado! O pneu irá furar	M	5	Zero	4	2	4	3,0

De certo que a ênfase neste estudo direciona-se para a voz média. Contudo, diante dos resultados, é deveras produtivo estabelecer, também aqui na análise dos dados, a comparação com a voz ativa, envolvendo verbos dinâmicos e não dinâmicos e construções incoativas e causativas.

Desse modo, demonstra-se que, na relação IR + INFINITIVO (tanto com “ir” no presente como no futuro do presente) e verbos não dinâmicos, as construções de futuridade são perfeitamente julgadas como naturais nas duas vozes. Pode-se empregar as sentenças-objeto de pesquisa, de forma natural, às vezes [+ natural] às vezes [- natural]. Definiu como [+ natural] as sentenças que tiveram médias entre 4,6 e 3,8; e [- natural] entre 3,6 e 3,0.

a) na construção causativa

- (67) O calor vai derreter o sorvete [+ natural]
- (68) O calor irá derreter o sorvete [- natural]
- (69) O sol vai secar o açúcar [+ natural]
- (70) O sol irá secar o açúcar [- natural]
- (71) A chuva vai encher o balde [- natural]
- (72) A chuva irá encher o balde [+ natural]
- (73) O prego vai furar o pneu [+ natural]
- (74) O prego irá furar o pneu [+ natural]

b) na construção incoativa

- | | |
|-----------------------------|-------------|
| (75) O sorvete vai derreter | [+ natural] |
| (76) O sorvete irá derreter | [+ natural] |
| (77) O açude vai secar | [+ natural] |
| (78) O açude irá secar | [+ natural] |
| (79) O balde vai encher | [+ natural] |
| (80) O balde irá encher | [- natural] |
| (81) O pneu vai furar | [+ natural] |
| (82) O pneu irá furar | [- natural] |

Portanto, confirmam-se as hipóteses indicadas para o estudo. O IR funciona naturalmente para expressar futuridade com os verbos não dinâmicos *derreter*, *secar*, *encher* e *furar*. E também como já foi demonstrado, porém não permitem a representação no passado, como em (20), (21), (42), (43), (44), (45), (46), (47), (48), (59) E (60); no tempo futuro, parece ser ilimitado o uso de *ir* + infinitivo atualmente. Além disso, constatou-se que o IR nas perífrases de futuridade deste estudo não apresenta a sua semântica original de verbo pleno, não permitindo, portanto, a formação de voz média.

O que significa dizer que, na estrutura perifrástica (IR + INFINITIVO), o IR flexionado no presente ou no futuro do presente, é um auxiliar formador de futuro, agindo funcionalmente como elemento gramaticalizado, e não como elemento lexical, de sentido pleno.

Considerações finais

Com a completa gramaticalização de IR na constituição da perífrase com INFINITIVO, resultando também na gramaticalização de toda a forma perifrástica, os dados revelam que do verbo IR, expressando futuro, não se exige as nuances semânticas de mudança de estado e de dinamismo, como se observa na comparação com as perífrases em tempo passado. E, inexistindo essas exigências, a perífrase IR + INFINITIVO, para expressar futuro, não sofre restrições e, assim, é considerada, pelos participantes do experimento, sentenças naturais, apropriadas às situações as quais foram eles foram expostos.

Quanto à avaliação da forma híbrida (IRÁ + INFINITIVO), apresentada como outra alternativa de expressão de futuridade, foi avaliada pelos falantes nativos também como apropriada às situações, porém recebendo médias entre 3,6 e 3,0, fica demonstrado que sentenças com essa estrutura tiveram julgamento menos positivo que as sentenças com IR + INFINITIVO.

Apesar de esses dados/resultados revelarem tais resultados, outros estudos direcionados ao sistema verbal do PB, no enfoque de tempos verbais e construções que envolvam tipologia semântica e diátese verbal, serão imprescindíveis para refutar, atestar, ampliar ou complementar esta pesquisa.

Para uma futura análise nesse âmbito, poder-se-ia se pensar numa hipótese em que parte dos falantes, talvez a geração mais velha, ainda enxergue alguma dinamicidade na perífrase IR + INFINITIVO (*vai furar*) expressando tempo futuro, e, assim, prefira outra forma de expressão de futuro, tal como a forma do futuro do indicativo (*furará*) ou, quem sabe, outra(s).

REFERÊNCIAS

BARROSO, Henrique. **O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrônica**. Portugal: Porto, 1994.

CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. In: **Revista Estudos lingüísticos e literários**. Salvador, n. 19, p. 25-64, mar. 1997.

GOMES, Ana Quadros; MENDES, Luciana Sanchez. **Para conhecer Semântica**. São Paulo: Contexto, 2018.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português: expressões da duração e da reiteração; os adjuntos que localizam eventos; momentos estruturais na descrição dos tempos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KENEDY, Eduardo. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, M. (Org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução**. SP: Contexto, 2015.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

MEILLET, Antoine. L' evolution dès formes grammaticales. In : **Linguistic historique et linguistic générale**. Paris, 1912.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2.

ARTIGO RECEBIDO EM 26/11/2019

ARTIGO ACEITO EM 18/12/2019